

GENTE, QUE DIFERENTE!

“Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus”. (Mateus 22.29)

Há muitas práticas diferentes no mundo evangélico. Para não expor qualquer igreja, prefiro não mencioná-las. Mas não posso deixar de opinar sobre elas, não em tom de zombaria, mas sim com a real preocupação de quem pesquisa sobre igreja e se preocupa com os rumos que a igreja evangélica está seguindo.

Nesses 25 anos de pesquisa sobre igreja, já vi um pouco de tudo. Mas, nesses últimos anos, as coisas pioraram sensivelmente. Penso que a Teologia da Prosperidade foi a porta de entrada para uma série de práticas estranhas que foram sendo incorporadas nas igrejas. A princípio, algumas delas causaram grande estranheza, mas, com o passar do tempo, foram se tornando comuns e aceitáveis até nos meios mais tradicionais. Junto com a Teologia da Prosperidade, vieram a influência católica, o esoterismo oriental, os conceitos kardecistas, as mandingas e credices das religiões afro-brasileiras e até a cabala judaica. Todos esses elementos foram dando forma a uma igreja evangélica bem diferente daquela que conhecíamos e que era caracterizada pela simplicidade do estudo da Bíblia, do louvor e da oração. Essa nova igreja tinha práticas bem mais complexas, valorizava novos elementos, muitos deles até não cristãos.

Apareceu, de uma hora para outra, um novo modelo de igreja. Para não ser questionado, ele buscou autoridade na figura do apostolado ou então na interpretação mais liberal da Bíblia, que permitiu – por sua hermenêutica fraca – acrescentar novos elementos à revelação divina. E, abafando a consciência, esse modelo se valeu da emoção como critério para autenticar uma série de experiências estranhas, incluindo viagens astrais e outros. A Bíblia – revelação de Deus para o homem – foi dando lugar a outras revelações, dadas, nesses últimos tempos, a alguns líderes especiais, vários deles declarando terem ouvido a voz de Deus de maneira direta, sem necessidade da Bíblia.

E, diante desse sincretismo religioso e da total manipulação da verdade, nós vimos nascer novos cristãos, não mais os “supercrentes” – citados pelo autor Paulo Romeiro – mas sim os ‘pós-crentes’ (terminologia minha); crentes de uma nova geração que não precisa da Bíblia e ri de qualquer questionamento interpretativo, dizendo que tudo é obra do Espírito, como se Ele fosse uma força neutra, distinta da trindade, e que não precisa respeitar a Palavra que foi dada pelo Deus Pai, testificada pelo Deus-filho e iluminada pelo Deus-Espírito.

E, diante disso tudo, só resta aos “cristãos quadrados,” que não abrem mão da Palavra de Deus, voltar a defender em alta voz seus princípios, que apesar de simples, são fortes o bastante para resistir a todas as invencionices em nome da fé Cristã. E o maior deles continua sendo o uso da Bíblia como sua regra de fé e prática, lembrando sempre que ela é a Palavra de Deus, inspirada e válida para expressar a vontade de Deus ao homem.

A Bíblia declara que o erro vem da falta de conhecimento da Bíblia (Mateus 22.29). Mas o que tenho visto, é que esse erro acaba gerando outro erro: a

negligência. Falta conhecimento, isso é um fato. Mas alguns que conhecem a Palavra, embalados por toda a influência já citada acima, se enveredam por caminhos que levam a igreja a deixar de ser igreja e se tornar um grupo religioso sem identidade com o Jesus Cristo do Novo Testamento.

Ao ligar minha televisão e assistir a alguns cultos ou ao conversar com alguns alunos que contam um pouco sobre igrejas que conhecem, só posso mesmo declarar: “gente, que diferente...”